

MENINO BRINCA DE BONECA E MENINA BRINCA DE CARRINHO? REFLETINDO QUESTÕES DE GÊNERO NA FORMAÇÃO CONTINUADA E NA SALA DE AULA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Michelle de Albuquerque Rodrigues - Professora formadora no tema Diversidade Sexual e de Gênero na Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério (DDPM – SEMED / Manaus). Graduada e Mestra em Psicologia, e Especialista em Psicologia Clínica Institucional (Universidade Federal do Amazonas - UFAM). Especialista em Psicologia Escolar e Educacional (Conselho Federal de Psicologia - CFP). Contato: michellerodriguespsi@gmail.com

Maiane Rossi - Professora de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação de Manaus (SEMED). Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Especialista em Psicopedagogia e atualmente discente do curso de Psicologia na UFAM. Contato: maianerossi@hotmail.com

RESUMO

O brincar, essencial na educação infantil, deve viabilizar o desenvolvimento integral das crianças, contribuindo na formação do senso crítico e para uma sociedade justa entre homens e mulheres. O presente relato de experiência teve como objetivos: Geral: Refletir questões de gênero e sexualidade na educação infantil; Específicos: Planejar ações pedagógicas dialogadas na formação continuada de professoras da SEMED, e Aplicar ações de sensibilização junto às crianças acerca de atitudes discriminatórias, reconhecendo os brinquedos enquanto ferramentas lúdicas para além das distinções de gênero. Foram aplicadas três atividades com as crianças: Roda de conversa identificando suas relações com os brinquedos e brincadeiras, Leitura e Discussão de literaturas infantis. Familiares das crianças solicitaram que a atividade fosse interrompida, não sendo finalizado o projeto. Verificam-se indícios de que o fazer lúdico tem sido atravessado pelas influências de preconceitos relacionados a uma suposta associação entre a identidade sexual e a espontaneidade no brincar infantil.

Palavras-chave: Brincar. Gênero e Sexualidade. Formação Continuada. Sala de Aula. Educação Infantil

ABSTRACT

To play, essential in the child education, should enable the full development of the children, contributing in the critical sense creation and for a fair society between men and women. The current study had as objectives: General: Reflect about gender and sexuality matters in the child education; Specifics: Plan pedagogical actions through the continuing education of teachers from SEMED and implement awareness actions along children regarding discriminatory attitudes, recognizing the toys as playful tools for beyond the gender distinctions. Three activities were applied with the children: Round of Conversation indentifying their relations with the toys and games, Reading and Discussion of childhood reading. Children's relatives requested this activity would be stopped, so the project wasn't finished. It has been checked evidences that the playful doing has been trough by prejudice influences related to a supposed association between sexual identity and spontaneity during the children's playing.

Keywords: Playing. Gender and Sexuality. Continuing Education. Classroom. Child Education.

INTRODUÇÃO

As práticas educativas realizadas em sala de aula mostram-se marcantes para aqueles que estão na situação de aprendizes e podem ter grande impacto ao longo da constituição desses sujeitos. Daí a importância de tais práticas serem pautadas tanto no desenvolvimento saudável dos/das estudantes como dos seus relacionamentos com demais sujeitos em sociedade.

A educação infantil é a primeira etapa da educação básica e caracteriza-se como um dos direitos da criança. Sua oferta visa “o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996). A educação infantil, portanto, mostra-se uma fase de suma importância para a criança, visto que oferece a ela experiências diversas com os atores do meio escolar e uma dinâmica desconhecida até então.

A função da educação infantil consiste em cuidar e educar em um espaço que favoreça a sua socialização, variadas interações, o desenvolvimento da linguagem, da motricidade, da cognição, da afetividade e de valores necessários para a construção de uma identidade autônoma (BRASIL, 1998). Tudo isto ocorre por meio da essencial forma de expressão infantil: o brincar.

Mas como o brincar pode viabilizar o desenvolvimento infantil em toda esta complexidade? A formação continuada de educadoras/es tem abordado os desafios do brincar como prática pedagógica? Que desafios são estes, e o que é “permitido” ou não nas brincadeiras infantis?

Estas e outras inquietações suscitaram o presente relato de experiência pedagógica, visto que o brincar tem sido alvo de atos proibitivos, especialmente após a construção do Plano Nacional de Educação (PNE/2014-2024), que se seguiu a sucessivas tentativas de proibir práticas pedagógicas sobre gênero, como as associadas ao desenvolvimento de relações saudáveis entre meninas e meninos, entre homens e mulheres para uma sociedade justa e equânime. Assim sendo, por meio do brincar, é necessário que se desenvolva uma educação que considere também uma saudável vivência da sexualidade humana em seu currículo.

Como Furlani (2011) defende, a sexualidade está presente em todas as fases de desenvolvimento, desde a infância até a vida adulta, manifestando-se de diversas formas, para além da vivência sexual. Cabe à escola pensar como abordar esse tema da melhor forma, principalmente, tendo em vista que a escola tem um papel político como instituição responsável por problematizar preconceitos e promover a igualdade.

Os papéis desempenhados por homens e mulheres na sociedade não são estabelecidos naturalmente, mas construídos socialmente e reproduzidos/reforçados das mais variadas maneiras, seja através do discurso ou das práticas estabelecidas como “normais” para cada gênero.

É bastante comum que crianças tenham aprendido que certas atitudes são adequadas para cada um/uma a depender de seu gênero, bem como que há brincadeiras e brinquedos destinados a meninas e meninos. Entretanto, essa classificação impede o acesso ao conhecimento e o desenvolvimento de habilidades que tais brinquedos e brincadeiras podem oferecer (FURLANI, 2011).

Cabe lembrar a orientação geral dada para a elaboração dos currículos quanto a isso:

No que concerne a identidade de gênero, a atitude básica é transmitir, por meio de ações e encaminhamentos, valores de igualdade e respeito entre as pessoas de sexos diferentes e permitir que a criança brinque com as possibilidades relacionadas tanto ao papel de homem como ao da mulher. Isso exige uma atenção constante por parte do professor, para que não sejam reproduzidos, nas relações com as crianças, padrões estereotipados quanto aos papéis do homem e da mulher, como, por exemplo, que à mulher cabe cuidar da casa e dos filhos e que ao homem cabe o sustento da família e a tomada de decisões, ou que homem não chora e que mulher não briga. (BRASIL, 1998, p. 41 e 42)

Portanto, é necessário oportunizar às crianças o livre brincar e evitar as classificações de “brinquedos de meninos” e “brinquedos de meninas”, pois isso limita suas possibilidades, limita o desenvolvimento do faz de conta e institui como natural que determinadas atividades só podem ser feitas por homens ou por mulheres.

Este trabalho visa relatar as experiências de formação continuada com professoras de educação infantil da Secretaria Municipal de Educação (SEMED – Manaus) sobre gênero e sexualidade, e demonstrar práticas pedagógicas sobre gênero na educação infantil enquanto necessárias no enfrentamento das injustiças sociais. Serão citados alguns aportes teóricos e os resultados concretizados pela professora Maiane Rossi, junto a sua turma de alunas/os de 1º período, em um centro municipal de educação infantil (CMEI) da SEMED / Manaus, situado na Zona Oeste de Manaus. As práticas pedagógicas no CMEI, previstas para serem realizadas na semana de 14 a 19 de outubro de 2017, foram realizadas somente nos dias 14, 16 e 17 de outubro, sendo suspensas nos últimos dias, cujo motivo será esclarecido adiante.

METODOLOGIA

O presente relato de experiência foi construído pelas autoras por meio do acesso aos:

1) Registros escritos sobre as atividades pedagógicas realizadas pela formadora Michelle Rodrigues na Formação Continuada de Professores/as da SEMED (relatórios sobre as aulas de formação continuada na DDPM) junto às professoras da fase pré-escola de educação infantil, e

2) Registros escritos sobre a prática pedagógica no CMEI, idealizada e aplicada pela professora Maiane Rossi. As atividades aplicadas estavam associadas aos conhecimentos partilhados na formação continuada na SEMED e em outros espaços de formação anterior.

Na Formação Continuada de Professoras²¹ de Educação Infantil da SEMED, ocorrida na DDPM, foram realizadas várias atividades voltadas à reflexão teórico-prática sobre o tema Sexualidade e Gênero na Educação Infantil, no ano de 2016, no qual as autoras tiveram o primeiro contato, em agosto do referido ano.

Na ocasião foram realizadas discussões sobre os temas: Importância de educar para a diversidade; Novos olhares sobre a sexualidade infantil; O brincar no combate à violência de gênero; e Diversidade sexual e de gênero.

O encontro formativo foi realizado com aproximadamente 30 cursistas professoras de educação infantil da zona oeste de Manaus. Iniciou-se com uma dinâmica de apresentação com o título “O que define a sua Identidade?”, na qual as presentes deveriam escolher, dentre 10 temas, 5 para se apresentarem, demonstrando um pouco de suas preferências pessoais frente ao grupo. Alguns dos temas foram: Hobby, Boi do Coração, Time do Coração, Corrente pedagógica, Religião, Estilo, dentre outras. Na discussão que se seguiu, foram apontadas semelhanças e dessemelhanças, exigindo uma eminente postura de aceitação frente às singularidades, mesmo quando se discordava delas.

Em seguida foi apresentado o fazer pedagógico sobre sexualidade para a educação infantil proposto por Furlani (2011), a qual menciona ser justificável trabalhar tal tema nesta fase do desenvolvimento pois se faz urgente: reconhecer o autoerotismo como positivo e educável; educar para a autoproteção contra a violência sexual de crianças; construir uma cultura de respeito às diferenças; e lidar com as questões de gênero, promovendo a cultura de paz na vivência das masculinidades e feminilidades.

Por meio de Louro (*apud* XAVIER FILHA, 2012, p. 165), problematizamos experiências das professoras de educação

infantil associando-as ao conceito de gênero apresentado pela autora enquanto uma

construção social feita sobre diferenças sexuais. [...] modo como as chamadas ‘diferenças sexuais’ são representadas ou valorizadas; refere-se àquilo que se diz ou se pensa sobre tais diferenças, no âmbito de uma dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto.

Em seguida, outro foco de debate foi o abuso e exploração sexual. Para explicar em que sentido a violência sexual pode ser considerada uma violência de gênero, citamos Schreiner (2008), a qual alerta para o fenômeno muito comum de atribuição de responsabilidade à menina, quando esta sofre abuso sexual. Isto seria considerado uma violência de gênero por seu caráter simbólico determinante nas relações de poder entre os sujeitos envolvidos: embora sutil e mascarada, a culpabilização da vítima se mostra muito presente no imaginário de homens e mulheres, descaracterizando a responsabilidade do abusador sobre o ato violento.

Após estas reflexões teóricas, foram sugeridas aplicações práticas junto às crianças sobre estes temas, por meio da literatura infantil. Os dois livros apresentados rapidamente foram: “Pipo e Fifi – Prevenção de Violência Sexual na Infância” (ARCARI, 2014) e “Malala – Uma menina muito corajosa” (WINTER, 2015). Foi solicitado que os outros dois livros fossem apresentados pelas professoras por meio de contação de história. Elas deveriam escolher a forma de contá-la. As histórias “Menino Nito” (ROSA, 2008) e “Menina Não Entra” (ANDRADE, 2006) foram contadas pelas professoras com entonações cativantes, elucidando mensagens, posteriormente comentadas pelas mesmas, de que chorar é algo necessário aos meninos, ou de que as meninas podem participar de qualquer esporte que desejarem, e serem bem sucedidas neles.

Em aula expositiva dialogada foram apresentados alguns significados de conceitos como identidade de gênero, orientação do desejo sexual, sexo biológico e expressão de gênero, embasando em Furlani (2011) que não há relação entre a expressão de gênero (comportamentos) e a orientação afetivo-sexual (desejo).

Neste momento a discussão foi fundamentada em um estudo dirigido, no qual as professoras, divididas em grupos, liam e comentavam sobre trechos de autores que abordam o tema. Um dos trechos selecionados foi o do texto de Bortolini (2014):

21 Destacável o fato de que durante os anos de 2016 e 2017 não houve cursistas do sexo masculino nas formações dirigidas à fase pré-escola de educação infantil.

No lado das meninas: bonecas, painéis, casas, fogões, geladeiras, liquidificadores, fraldas, mamadeiras, roupas de bebê, bercinhos que continuam reafirmando o lugar da mulher mãe e dona de casa. Além disso, estojos de maquiagem, bolsas, esmaltes, roupas, acessórios e bonecas sensuais ensinam que modelo de mulher aquela menina deve ser: magra, branca, jovem, sempre bonita e desejável.

Para os meninos, brincadeiras e brinquedos que associam a masculinidade com a força, a coragem, a violência e a aventura. Os meninos ganham carros, bolas, armas dos mais variados modelos e tamanhos mostrando que a norma para eles é a agressividade, o movimento, a ocupação dos espaços. Brincadeiras de soco, de guerra, de luta são apresentadas aos meninos desde pequenos, ensinando cotidianamente a forma 'legítima' de ser homem, onde a violência é parte fundamental da masculinidade. (p. 50)

Debatemos sobre o que as professoras percebiam estar vinculado ao temor de que as crianças brincassem livremente com todos os brinquedos. Na ocasião, a segunda autora justificou pelo fato de que ainda se vê a homossexualidade de forma muito negativa, não como uma expressão da sexualidade. A este respeito, Bortolini (2014) problematiza:

Há um medo que ronda as brincadeiras de meninos e meninas, os jeitos de vestir, de falar e de se comportar. O problema de um menino brincar de boneca não é apenas que ele aprenda um jeito *errado* de ser homem, mas que essa *deseducação* possa levar a *coisas piores*. Portanto, é melhor *corrigir agora*, enquanto *ainda há tempo*. Esse mal, nunca dito, mas sempre temido, tem um nome: homossexualidade. (p.55, grifos do autor)

Após debates que apresentavam posicionamentos em favor do brincar livre, mas permeado de temores sobre as repercussões de tais práticas educativas junto às crianças, finalizamos o encontro formativo com um convite para a participação na Socialização de Práticas Formativas, evento anual promovido pela Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério (DDPM) para divulgação dos trabalhos realizados nas escolas por professoras/es participantes da formação continuada.

Pensando em abordar o tema gênero numa sala de aula da educação infantil para crianças com 4 e 5 anos de idade, foi elaborado então, pela professora Maiane Rossi, em 2017, um roteiro de práticas pedagógicas voltado à discussão sobre os brinquedos e brincadeiras infantis.

Foi realizado um encontro no referido CMEI entre as autoras, com fins de diálogo sobre

o planejamento da atividade a ser realizada com alunas/os da educação infantil, e o planejamento da exposição do trabalho finalizado na Socialização de Práticas Formativas. Ambos os planejamentos foram aplicados pela segunda autora.

Os Objetivos da prática pedagógica foram de refletir questões de gênero e sexualidade, sensibilizar as crianças acerca de atitudes discriminatórias contra colegas e reconhecer os brinquedos enquanto ferramentas lúdicas próprias da infância. A atividade foi pensada para ser aplicada durante cinco dias, com duração aproximada de uma hora diária. Entretanto, só foi possível sua aplicação por três dias, devido ao fato de o tema aparentemente ter gerado desconforto em familiares das crianças.

No primeiro dia foi feita uma roda de conversa com as crianças para conhecer suas relações com brinquedos e brincadeiras. Elas foram questionadas sobre quais brinquedos gostam de usar, quais não gostam, com quem brincam, quais as brincadeiras preferidas e também foram questionadas sobre a utilidade dos brinquedos e o que representam. No segundo dia foi realizada a leitura e discussão do livro infantil "Bibi brinca com meninos" (ROSAS, 2010). A história apresenta uma menina chamada Bibi que conhece dois primos e percebe como eles possuem brinquedos diferentes do dela, levando-a a questionar se realmente devem existir brinquedos só para meninos e brinquedos só para meninas. No terceiro dia foi feita a leitura e discussão do livro "Menina não entra" (ANDRADE, 2006) que apresenta a história de um time de futebol que se depara com algo inesperado: uma menina que joga futebol.

As outras atividades planejadas não puderam ser desenvolvidas. A primeira envolvia a divisão da sala de aula em espaços com brinquedos diversificados para proporcionar a todos o livre brincar com os diferentes brinquedos, para explorar numa roda de conversa posteriormente como foram as experiências e sentimentos das crianças ao manusear tais brinquedos. A segunda atividade seria uma dinâmica de classificação dos brinquedos em brinquedos para meninas, meninos ou para todos.

Após as atividades ou mesmo antes delas serem realizadas com as crianças, alguns familiares se declararam contra a ideia de que as crianças podem brincar com quaisquer brinquedos, sem distinção de gênero. Isto ocorreu mesmo havendo o comunicado por escrito aos familiares da realização deste projeto semanal, explicitando os objetivos e o método das tarefas a serem realizadas. E durante a aplicação das atividades, houve reclamações à diretoria de que a atividade não condizia com o papel da escola. Após isto ocorrer o projeto

precisou ser suspenso no terceiro dia a fim de evitar conflitos maiores entre família e escola.

Sob solicitação do pai e mãe de um dos alunos, foi marcada uma reunião no CMEI pois ambos requeriam explicações sobre o projeto que fora orientado pela primeira autora, logo exigiram que esta se fizesse presente na escola. A reunião foi realizada, logo após à interrupção das atividades sobrescritas. Nela se fizeram presentes a pedagoga, gestora e professora (segunda autora) e a formadora da DDPM (primeira autora) e a assessora pedagógica nas temáticas de Diversidade da SEMED, da Divisão de Ensino Fundamental.

Embora a conversa tenha se dado em tom respeitoso, os familiares da criança reforçaram seu interesse em que não se desse continuidade à execução das atividades pedagógicas e solicitaram mudanças no projeto que lhes fora apresentado, mesmo após esclarecimentos de que a mudança solicitada não interferiria na forma como a aplicação da atividade fora conduzida: uma atividade de livre brincar, seguida de diálogo entre crianças e professora.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Crianças com 4 e 5 anos geralmente recebem uma orientação familiar de que há brinquedos e brincadeiras próprias para cada sexo e agem de acordo com essa ideia. Porém, é possível refletir sobre isso partindo do princípio de que os brinquedos são ferramentas lúdicas de imitação da realidade, criação espontânea e/ou simples divertimento, não sendo necessário para isso a distinção de gênero.

Durante as intervenções com as crianças, algumas confirmavam haver tal distinção ao dizer que seus familiares haviam orientado em casa que meninas só podem brincar de boneca e meninos só de carrinho e que qualquer ideia contrária se configura como mentira. Diante disso, foi necessário mostrar que a brincadeira, muitas vezes, imita a realidade e que há homens que cuidam de bebês, seguram bebês, cozinham e que há mulheres que dirigem, jogam bola e exercem papéis diversos, sem que isso mude o seu gênero (aqui entendido na distinção menino/menina).

Também foi necessário orientá-los no sentido de que, caso não queiram, não precisam brincar com todos os brinquedos; mas precisam respeitar os colegas que brincam com aquilo que entendiam como brinquedo de menina ou menino, visto que era percebido entre a turma atitudes discriminatórias que geravam ofensas, principalmente contra meninos que gostavam de brincar com bonecas.

Como Castanheira et al. (2012, p. 273) explica, “a escola, na maioria das vezes, tende a repetir e estimular modelos de comportamento,

impostos pela sociedade e por um currículo higienista”. Assim, é muito comum que se estimule nas meninas o desenvolvimento da calma, da maternidade e da vida doméstica através dos brinquedos classificados como “de meninas”, como bonecas, kits de cozinha e outros utensílios domésticos; enquanto para os meninos estimula-se o uso da força e da agressividade através de bolas, carrinhos, jogos de videogame e entre outros.

Este currículo higienista exige que as expressões de gênero se manifestem rigidamente dentro da norma convencional, o que pode legitimar violências sobre os sujeitos que não vivenciam tais expressões conforme a lógica heteronormativa.

Atualmente a crescente tensão sobre o brincar livre na educação infantil e pelos demais anos de escolarização tem sido associada por pesquisadoras/es a um termo tomado vertiginosamente por pessoas de vários segmentos sociais: “ideologia de gênero”. Um termo sem conotação científica.

Furlani (2016), uma destas pesquisadoras, tem nos auxiliado no entendimento do uso do termo “ideologia de gênero” o qual surge principalmente em meio a alguns discursos políticos e religiosos como uma interpretação equivocada das teorias de gênero, que não reflete o que vem se trabalhando pedagogicamente em termos de igualdade de gênero e de direitos humanos nas escolas. Esta “ideologia de gênero” é descrita por tais grupos como uma prática subversiva de educadoras/es que negaria a existência do sexo biológico e teria a intenção de destruir famílias, dentre outros equívocos.

Neste viés, Junqueira (2017) ressalta os prejuízos que os mitos em torno do uso deste termo, referido por ele como uma sintagma, tem gerado, com efeitos devastadores:

É preciso, então, sublinhar que tais sintagmas não são conceitos científicos. Essas grotescas formulações paródicas ou até fantasmáticas, no entanto, atuam como poderosos *dispositivos retóricos reacionários* que se prestam eficazmente a promover polêmicas, ridicularizações, intimidações e ameaças contra atores e instituições inclinados a implementar legislações, políticas sociais ou pedagógicas que pareçam contrariar os interesses de grupos e instituições que se colocam como arautos da família e dos valores morais e religiosos tradicionais. (p. 28, grifos do autor)

Com o advento das redes sociais e compartilhamento de curtos vídeos que se propõem a definir em poucos minutos o que seria a “ideologia de gênero”, é possível perceber que não só as/os familiares de estudantes da comunidade escolar, mas também

as/os profissionais de educação mostram-se carregados de pseudoconceitos sobre o que seria gênero. Possivelmente isto tem sido um catalizador da aversão a que se trabalhe pedagogicamente sobre gênero e sexualidade.

No estudo de Junqueira (2017) verificamos como se mostra inviável definir gênero de forma simplista, tal como visto nos vídeos e mensagens que viralizaram/viralizam nas redes sociais. O autor enfatiza que no vasto campo de pesquisa dos Estudos de Gênero, *há teorias*, que não podem ser mencionadas no singular, pois que pertencem a várias disciplinas, matrizes teóricas e políticas (grifo nosso, p 45).

Assim, não só seria inadequada a tentativa de explicar gênero por um só viés (dizendo haver gênero no singular e excluindo suas múltiplas definições), como afirmar que as contribuições dos Estudos de Gênero e do feminismo intencionam privar meninas e meninos do direito à família, fazer doutrinação ou extinguir a ordem simbólica ou a humanidade. (JUNQUEIRA, 2017)

Para além dos temores e mitos advindos com o uso de tal termo, cremos em uma educação sobre sexualidade emancipatória, que promove a convivência saudável entre meninos e meninas, logo, concordamos que o uso livre dos brinquedos pelas crianças possibilita:

O aprendizado de habilidades específicas, como coordenação motora, reflexos, visão lateral; O exercício de atitudes, como desenvoltura no trânsito, controle das emoções, iniciativa, segurança, assertividade, responsabilidade, confiança; Experimentação para o exercício de funções futuras, como o de pai, de mãe, de professora, de professor, de irmão mais velho, de irmã mais velha, tutor responsável. (FURLANI, 2011, p. 121)

Sendo assim, faz-se necessário que a escola não reproduza papéis sociais limitantes a homens e mulheres e isso se inicia desde a infância. O brincar serve para alegrar e integrar as crianças, oportunizando o despertar da imaginação, a troca de experiências e que se ajudem mutuamente (PREFEITURA MUNICIPAL DE MANAUS, 2016); logo, brinquedos e brincadeiras não devem ser separados de acordo com o sexo da criança, visto que na realidade homens e mulheres podem exercer papéis diversos na sociedade e, muitas vezes, de cooperação mútua.

CONCLUSÃO

Tratar da temática gênero e sexualidade em sala de aula tem se tornado muito complicado, pois desperta medo em familiares de que “algo errado” seja ensinado a seus filhos, além de ativar preconceitos, muitas vezes, não

percebidos ou possivelmente escondidos sob um discurso religioso e/ou conservador.

O desconforto de familiares que se posicionaram contra a atividade realizada em sala de aula leva-nos a questionar qual o medo que eles têm frente à possibilidade de oferecer às crianças um brincar mais igualitário. A este respeito, Furlani (2011) afirma que o que os amedronta é a relação que fazem entre brinquedos infantis e a formação de uma identidade sexual, temendo especialmente que seus filhos tenham uma orientação sexual discordante daquilo que consideram normal. Isto reflete a ocorrência de fenômenos psicossociais como a homofobia e misoginia forjadas em um discurso de que é natural que homens e mulheres desempenhem papéis pré-determinados de acordo com o sexo que lhes foi conferido biologicamente.

Acreditamos que as escolas comprometidas com seu papel político de defesa dos direitos humanos e promoção da equidade devem discutir isso e tratar do tema em sala de aula buscando desconstruir ideias que naturalizam papéis de gênero, desde a educação infantil.

Logo, este trabalho demonstrou que é urgente que enquanto educadoras/es nos preparemos para tais desafios contemporâneos, e que a formação continuada de professoras/es seja um espaço garantido para se discutir este e outros temas imprescindíveis ao fazer pedagógico diário.

Mesmo sem serem realizadas todas as atividades planejadas, é possível reconhecer o alcance positivo sobre a convivência diária das/os estudantes da educação infantil na turma em que as atividades foram aplicadas, redundando no fazer lúdico de meninos e meninas, aproveitando-se todos os benefícios dos brinquedos e brincadeiras diversas para o desenvolvimento integral destes sujeitos. Almejamos, assim, ter viabilizado um alcance maior: a prevenção à violência de gênero contra meninos e meninas, atualmente ou no futuro, contribuindo para novos horizontes de justiça social.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Telma Guimarães Castro. *Menina não entra*. São Paulo: Editora do Brasil, 2006.
- ARCARI, Caroline. *Pipo e Fifi: Prevenção de Violência Sexual na Infância*. Petrópolis, RJ: Caqui, 2014.
- BORTOLINI, Alexandre Bortolini. et al. *Trabalhando Diversidade Sexual e de Gênero na Escola: Currículo e Prática Pedagógica*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014. Disponível em: < http://diversidade.pr5.ufrj.br/images/GDE_livro_1.pdf> Acesso em: 5 de ago. de 2015.

BRASIL. *Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em: 22 de Out. de 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil* / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASTANHEIRA, Marina Aparecida Marques. et al. *O brincar, os brinquedos e as brincadeiras na educação infantil*: possibilidades para articular sexualidade e gênero. In: RIBEIRO, Cláudia Maria (Org.). *Tecendo gênero e diversidade sexual nos currículos da Educação Infantil*. Lavras: UFLA, 2012.

FURLANI, Jimena. “*Ideologia de Gênero*”? Explicando as confusões teóricas presentes na cartilha. Versão Revisada, 2016. Florianópolis: FAED, UDESC. Laboratório de Estudos de Gênero e Família, 09 pp, 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/jimena.furlani>>. Acesso em: 31 jan. 2016.

FURLANI, Jimena. *Educação sexual na sala de aula*: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz “*Ideologia de gênero*”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”? In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes. [orgs.] *Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MANAUS. *Proposta Pedagógico-Curricular de Educação Infantil*. Revisada e Ampliada. Manaus: [s.e.], 2016.

ROSA, Sonia. *O menino Nito*. Rio de Janeiro, RJ: Pallas, 2008.

ROSAS, Alejandro. *Bibi brinca com meninos*. São Paulo: Scipione, 2010.

SCHREINER, Marilei Teresinha. *O Abuso sexual numa perspectiva de gênero: o processo de responsabilização da vítima. Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder*. UFSC: 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST41/Marilei_Teresinha_Schreiner_41.pdf>. Acesso em: 8 jun. de 2015.

WINTER, Jeanette. *Malala*. uma menina muito corajosa. Tradução. Silvia M. C. Rezende. Rio de Janeiro, RJ / Campinas, SP: Verus, 2015.

XAVIER FILHA, Constantina. *Livros para a infância nas temáticas de gênero, sexualidade, diferenças / identidades e diversidades*. In: RIBEIRO, Cláudia Maria (Org.). *Tecendo gênero e diversidade sexual nos currículos da Educação Infantil*. Lavras: UFLA, 2012.